

# REFLEXÕES ACERCA DO 11 DE SETEMBRO COMO AUDIOVISUAL DE ACONTECIMENTO<sup>1,2</sup>

Marília Régio<sup>3</sup>

## RESUMO

Este trabalho através do conceito de audiovisual de acontecimento (TIETZMANN; ROSSINI, 2012) visa explorar como os atentados de 11 de Setembro de 2001, nos Estados Unidos, em Nova York, foram utilizados em narrativas audiovisuais. Para elucidar nossa reflexão usaremos alguns documentários, especialmente *102 minutos que mudaram o mundo* (2008), de Nicole Rittenmeyer e Seth Skundrick, com captações realizadas tanto por profissionais quanto por amadores. Tentaremos observar imagens que retratem o fato como audiovisual de acontecimento, isto é, em produtos baseados na produção representativa de documentos das práticas ocorrentes de um possível cotidiano, como imagens-testemunho dos atentados. E como resultado, talvez, compreenderemos que a narrativa visa somente às imagens produzidas, sem dar ênfase numa construção linear de fatos, já que a história está marcada em nossa memória.

**Palavras-chave:** 11 de setembro; Audiovisual; Acontecimento.

## ABSTRACT

This work through the concept of audiovisual eventconcept (TIETZMANN; ROSSINI, 2012) aims to explore how the attacks of September 11, 2001, in the United States, in New York, were used in audiovisual narratives. To clarify our thinking will use some documentaries, especially *102 minutos que mudaram o mundo* (2008), by Nicole Rittenmeyer and Seth Skundrick, with funding made both by professionals and by amateurs. We will try to observe images that portray the fact as audiovisual event, that is, products based on representative production of documents of occurring practices of a possible daily life like images-witness of the attacks. As a result, perhaps, we will understand that the narrative aims only to produced images, without giving emphasis on linear construction of facts, since the story is set in our memory.

**Keywords:** September 11<sup>th</sup>; Audiovisual; Happening

## INTRODUÇÃO

Os atentados nos Estados Unidos, nas cidades de Nova York e Washington, possivelmente sejam os primeiros acontecimentos vivenciados na era da

---

<sup>1</sup> Recebido em 16/05/2016.

<sup>2</sup> Trabalho apresentado no GT de História da Mídia Audiovisual e Visual, integrante do 10º Encontro Nacional de História da Mídia, 2015.

<sup>3</sup> Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. msregio@gmail.com

informação. Pois, no século XX o que você viu ao vivo pela televisão, algo que foi marcante, inesquecível? Podemos pensar em algum campeonato esportivo, eleições presidenciais, no entanto, depois do 11 de setembro essa resposta mudou. E se não viu no momento exato que ocorreu, conseguiu acessar imagens disponíveis na internet ou gravadas em celulares, principalmente por cidadãos comuns.

Tradicionalmente, quando fizemos menção a um evento, pensamos em algo que tenha ocorrido fora da normalidade, do fluxo da própria História. Os eventos do Onze de Setembro, com efeito, alteraram nossa percepção espaço-temporal. Nossa sensação, independente do local em que nos encontrávamos, fosse São Paulo, Pretória, Berlim, Sidney, Mumbai ou Tóquio, era de que Nova York e Washington chegavam a nossas casas em tempo real, ao vivo e em cores, através das telas de televisores e de computadores. A virtualidade da experiência também contribuiu para o sentimento de que o tempo estava fora de compasso, deslocado (RESENDE, 2010, p. 206).

A mídia, mediadora de lembranças, assume uma postura de lugar para admissíveis memórias que reacendem a compreensão de alguns acontecimentos. O cinema de reconstituição histórica, como caso de alguns filmes que retratam os atentados de 11 de setembro, pode funcionar como um espaço de conhecimento sobre o passado de uma nação. Porém, diversas obras não abordam propriamente o fato histórico em si, mas o utilizam com referência em sua narrativa, instigam interpretações variadas do que ocorreu naquela manhã nos Estados Unidos e seus porquês, mesclando a arte cinematográfica com a política, por exemplo. De acordo com Resende (2010, p. 213), devido “[...] a exposição a um evento tão inesperado e impensável, capaz de gerar tamanha desorientação, fez com que os indivíduos [...] perdessem toda e qualquer certeza quanto à realidade e a si próprios”.

A proposta deste artigo remete a uma exploração de imagens disponíveis sobre o atentado de 11 de setembro em Nova York, partindo do conceito articulado por Miriam Rossini e Roberto Tietzmann (2012) da ideia de um audiovisual de acontecimento. Reflexões cinematográficas em obras de ficção serão observadas, para dar um embasamento nas produções realizadas até o momento, entretanto, não queremos analisar obras que retratem versões narrativas, com imagens criadas. Mas sim, filmes que contemplem um fragante “uma ação qualquer, no dia-a-dia de alguém, sem pretensão artística declarada ou comercial. É a pura vontade de registrar um momento para, quem sabe, revivê-los depois, como parte das memórias, ou como um diário imagético” (ROSSINI; TIETZMANN, 2012, p. 71).

Assim é utilizado como aporte o documentário *102 minutos que mudaram o mundo* (Nicole Rittenmeyer e Seth Skundrick, 2008), para assim elucidar aspectos críticos sobre o tema levantado.

## O 11 DE SETEMBRO E ALGUMAS IMAGENS

As primeiras horas da manhã na cidade de Nova York, nos Estados Unidos, já são agitadas devido a sua numerosa população<sup>4</sup>, entretanto, nessa data um acontecimento marcou a memória coletiva de milhões de pessoas e entrou para história norte-americana. As emissoras de televisão de todo o mundo noticiavam em tempo real o que estava ocorrendo. Alguém havia desafiado a principal potência mundial e resolveu destruir certamente o símbolo de seu poder econômico: as Torres Gêmeas do complexo *World Trade Center*<sup>5</sup> (WTC), de Nova York. Não era um filme, era a realidade. E as imagens dos aviões que abateram as torres circularam de forma repetida, pois todos estavam estupefatos com que assistiam e em dúvidas com que estava acontecendo.

De fato, a exposição a um evento tão inesperado e impensável, capaz de gerar tamanha desorientação, fez com que os indivíduos – e aqui destacamos que não estamos, necessariamente, referindo-nos apenas aos moradores das áreas atacadas, mas a todos que experimentaram o evento em tempo real, inclusive virtualmente – perdessem toda e qualquer certeza quanto à realidade e a si próprios (RESENDE, 2010, p. 213).

Os ataques foram articulados e realizados por terroristas de uma organização islâmica, a Al Qaeda<sup>6</sup> (A Base), liderada na época por Osama Bin Laden. No total quatro aeronaves a jato foram sequestradas, todas de linha nacional, partindo das cidades norte-americanas de Newark, Boston e Washington, com destinos para São Francisco e Los Angeles. Dois aviões tinham como alvo as Torres Gêmeas, outro o Pentágono, sede militar do governo dos Estados Unidos e se não fosse a derrubada da outra aeronave sobre a Pensilvânia, supõem-se que teria sido atingida a sede do governo, a Casa Branca.

Ninguém podia acreditar que os aviões estavam colidindo com as torres e

---

<sup>4</sup> No ano de 2001 mais de oito milhões de pessoas viviam em Nova York. Esse número refere-se ao censo feito em 2000.

<sup>5</sup> World Trade Center era um complexo de sete edifícios. Os mais altos, com 110 andares, eram as torres gêmeas, distinguidas por Torre Norte e Torre Sul. Foi inaugurado em 1973.

<sup>6</sup> Organização fundamentalista islâmica que visa diminuir a influência não-islâmica na sua cultura.

tampouco que eles causariam tamanha destruição. Menos de duas horas foi o tempo para desmoronarem totalmente, e junto delas outros prédios vizinhos também foram arrasados. A terceira aeronave atingiu uma ala do Pentágono e a última caiu em um campo próximo à cidade Shanksville, na Pensilvânia. Não houve sobreviventes nos voos e quase 3.000 pessoas foram mortas devido a esses ataques.

Simultaneamente, tudo era visto, ao vivo, e noticiado para o mundo inteiro pelas redes de comunicação. O país denominado a grande potência mundial estava abalado, e o ataque alterou notoriamente o cotidiano não somente da população norte-americana, pois outros países também sentiram as alterações tanto políticas como econômicas no mundo. Isso foi o estopim para alavancar a política denominada “Guerra ao terror” articulada pela administração do então presidente norte-americano George W. Bush, com o auxílio de aliados contra a Al Qaeda. Tal iniciativa militar era constituída por invasões no Afeganistão<sup>7</sup> e no Iraque, essa última finalizada em 2011. A mídia norte-americana interpreta pelo ponto de vista da luta “do bem contra o mal”, pelo seu país ter sido ferido em sua mais profunda autoestima e os atentados produziram três tipos de efeitos, como relaciona Ignácio Ramonet: “destruição material, impacto simbólico e grande choque na mídia” (2003).

Durante os últimos dez anos, esse episódio ainda relativamente recente da história norte-americana, é explorado de forma discreta pela indústria cinematográfica, principalmente em Hollywood. Poucos filmes abordam como temática o atentado do 11 de setembro, outros utilizam o sofrimento de personagens com perdas em relação ao acontecimento e muitos com mensagens subliminares, como citam Civan Gürel, Jean-Marc Genuite e Mehdi Derfoufi no artigo *Hollywood vê o pós-11 de setembro*:

Em *Batman Begins* (de Christopher Nolan, 2005), um comboio do metrô é arremessado contra a "Torre Wayne" por Ra's Al Ghul. Este planeja mergulhar Gotham City na loucura destrutiva, graças a um alucinógeno – alusão, pouco velada, à paranóia ligada ao antrax. No fim do filme, Bruce Wayne percorre as ruínas da sua mansão e anuncia a intenção de reconstruir tudo, "tijolo por tijolo", de forma "idêntica ao que era". Transmutando esse simbólico "ground zero" na promessa de um renascimento "virginal".

Notamos uma dificuldade em produções audiovisuais norte-americanas que representem esse momento da história do país, sendo esse conhecido

<sup>7</sup> A saída dos militares norte-americanos do Afeganistão estava planejada para 2014.  
Revista Livre de Cinema

internacionalmente por suas obras espetaculares. No dia 11 de setembro de 2001, “a sensação dominante foi a de que as imagens não podiam ser reais; elas só poderiam pertencer a filmes de catástrofe produzidos em Hollywood” (RESENDE, 2010, p. 208) e o cinema hollywoodiano ainda não consegue reproduzir tais imagens.

Passado mais de dez anos desde os atentados em Nova York, e apenas dois projetos<sup>8</sup> cinematográficos foram focados diretamente nos sequestros dos aviões comerciais que resultaram na queda das Torres Gêmeas, ao ataque ao pentágono e a aeronave que supostamente atingiria a Casa Branca, em Washington. *As torres gêmeas* (2006), de Oliver Stone e *Voo United 93* (2006), de Paul Greengrass, são os filmes que centralizam suas tramas nos atentados. Não obstante, ambos mostram o lado heroico da tragédia. Com uma imensurável sensação de desconfiança e medo, era preciso que alguns sentimentos e princípios fossem resgatados. Assim, algumas produções tentaram representar um pouco esses valores outrora perdidos.

O longa-metragem de Stone, *As torres gêmeas* (2006), evidencia o trabalho dos bombeiros que conseguiram sobreviver aos escombros e *Voo United 93* (Paul Greengrass, 2006), mostra o suposto contra-ataque dos passageiros aos terroristas, o que levou o avião cair no meio da Pensilvânia antes de atingir o seu alvo. Entre esses filmes, encontramos tramas marginais, que apenas rondam o assunto, como *A última noite* (2002), de Spike Lee, sendo essa uma das primeiras obras a narrar com o silêncio o buraco aberto em Manhattan e nos seus moradores. Após vieram os dramas *Reine em mim* (Mike Binder, 2007), *Lembranças* (Allen Coulter, 2010), *Tão forte e tão perto* (Stephen Daldry, 2011), entre outros, que abordam de maneira discreta o acontecimento, transpondo para os personagens angústias e traumas referentes ao fato.

O cinema da mesma forma abrange um dispositivo de criação do nosso mundo, através de dissensos de elos determinados sobre o 11 de setembro. Verificamos alguns desses aspectos no filme com teor documental *Fahrenheit 11/09* (2004), de Michel Moore e no filme *Guerra ao terror*, de 2008, da diretora Kathryn

---

<sup>8</sup> Aqui, no caso, estamos tratando do cinema norte-americano. Entretanto, não há também muitas cinematografias conhecidas produzidas por outros países que abordem o tema dos atentados do 11 de setembro de 2001 de forma direta.

Bigelous, por exemplo. Cabe ressaltar, que neles observamos tentativas de mostrar heróis que também são vítimas. No caso do documentário de Moore, há um discurso produzido pelas instâncias do poder norte-americano que tentou justificar o uso da força sobre o Iraque, apresentando razões indiscutíveis para o uso da máquina de guerra mais poderosa do mundo, e no caso da obra de Bigelous, há uma tentativa de explicação para a invasão no Iraque, nesse último caso, causas a favor dos Estados Unidos.

Na hipótese dos atentados em Nova York em si não serem tema central de filmes, suas consequências e desdobramentos são incessantemente mostrados no ponto de vista político, militar e principalmente pelo abalo vivenciado. Resende salienta que

[...] devemos reconhecer a estreita ligação entre o trauma, a comunidade política e o tipo específico de poder que se encontra em ação: o biopoder. [...] Por meio de normas arbitrárias, a biopolítica investe sobre a vida, excluindo indivíduos e grupos, ajustando e domesticando seus corpos aos processos desejado pelo Estado. Assim, em nome dos que devem viver, decide-se quem deve morrer (2010, p. 229).

Numerosas interrogações foram levantadas com o propósito de averiguar possíveis causas para tamanha tragédia. E, incontestavelmente, o cinema que se baseia muitas vezes em fatos históricos, apresenta-se como um instrumento valioso para o cumprimento dessa tarefa, ao oferecer uma oportunidade para discutirmos novas abordagens acerca do passado, sob diferentes ângulos, contribuindo para uma reavaliação da história.

O dia 11 de setembro de 2001, como já mencionado, obteve um alcance mundial de suas imagens no ato dos atentados. Observamos também, uma quantidade enorme de vídeos captados por pessoas que estavam no local presenciando tudo o que acontecia. Verificamos que muitos indivíduos utilizaram “as tecnologias do audiovisual sem que, necessariamente, tenham se apropriado dos anos de conhecimento acumulados no desenvolvimento de um modelo estético-narrativo”, filmaram o que estava ocorrendo, e essas imagens não precisavam fundamentalmente de explicações. (ROSSINI; TIETZMANN, 2012, p. 70). Aqui tentaremos observar esse audiovisual do acontecimento, que capta nosso cotidiano, através de imagens amadoras que são compartilhadas e utilizadas em documentários.

## IMAGENS REGISTRADAS E O AUDIOVISUAL DE ACONTECIMENTO

A mostra de imagens e fatos históricos, inclusive pelos meios de comunicação, é um convite para adotar, comparar, apropriar-se. As experiências dos outros se harmonizam umas com as outras e com as próprias de cada indivíduo nas continuidades de sua mediação e sua reprodução, “e as linhas entre o público e o privado, o *self* e o outro, o presente e o passado, a verdade e a falsidade não são, por consequência, nem singulares nem claras” (SILVERSTONE, 2005, p.243). A incerteza do 11 de setembro foi compartilhada em nível global, e a transmissão do que estava ocorrendo foi veiculada em diversos idiomas imediatamente, para mostrar a repercussão do evento em tempo real. Didi-Huberman esclarece sobre o *duplo regime* de uma imagem, dizendo que, à imagem é pedido muito ou pouco. No caso de muito, “toda a verdade”, a decepção é certa, pois elas não passam de “fragmentos arrancados, pedaços peculiares”, revelando a sua inadequação. Por outro lado, se pedimos pouco, chegamos à esfera do “simulacro” e as deixamos de lado do campo da história, elas viram *documento*, elas são separadas de “sua fenomenologia, da sua especificidade, da sua substância”, assim, conclui como o “historicismo fabrica o seu próprio inimaginável” (DIDI-HUBERMAN, 2012, pp. 52-53).

O caráter experimental, de alguns documentários produzidos para contar um pouco sobre os atentados de 11 de setembro, acolhem perspectivas de ausências da clareza e de incertezas, relacionando-se com múltiplas interpretações, distanciando-se da história que acabaria por dar um sentido único ao evento. Como observa Resende,

‘o que aconteceu?’ -, reside o grande problema de datas como a do Onze de Setembro: a incapacidade de significação da realidade naquele momento, apesar de pleno reconhecimento de sua natureza de ruptura ou de crise. Na verdade, um acontecimento que provoque tamanho choque, estupefação e perturbação a ponto de fazer os indivíduos perderem a capacidade de articular, processar, registrar e entender algo é um evento que escapa a toda e qualquer significação (2010, p. 207).

Documentários sobre o tema, como dos irmãos franceses Jules e Gédéon Naudet, que estavam em Nova York, no dia dos atentados, filmando o cotidiano de um grupo de bombeiros quando o primeiro avião atingiu o World Trade Center, é um

exemplo de audiovisual de acontecimento. Assim que perceberam o que estava acontecendo, isto é, que algo totalmente fora do normal ocorria, abandonaram o antigo projeto com os bombeiros e começaram um novo na mesma hora. Os cineastas acompanharam toda a movimentação do dia 11 e dos dias seguintes, do ponto de vista dos bombeiros, e lançaram o resultado um ano depois, na obra com o título *11/09*. Esse foi o primeiro filme que contém imagens capturadas no momento do choque dos aviões, entretanto, profissionais. Jules Naudet, em entrevista ao *Portal iG*, comenta: “quando vejo Gédéon, falo: filmei tudo! Porque achei que ele ficaria bravo se não tivesse filmado. Mas ele, que achou que eu não voltaria mais, me abraça. E eu choro por tudo o que passei e tudo o que vi naquela manhã” (2011).

Outras produções que merecem destaque são os documentários que abordam teorias conspiratórias, como o polêmico *Loose change* (Dylan Avery, 2007), que teve mais três edições para chegar a sua versão final em 2009, *Loose Change 9/11: an american coup* e *Zeitgeist* (Peter Joseph, 2007). Está totalmente disponível na internet e foi sendo refeito a medida que surgia mais informações sobre o acontecimento. Nele observamos imagens de pessoas que estavam vendo o exato momento, além das vozes incrédulas em relação aos ataques às torres. Há outros tantos vídeos, documentários que questionam os porquês dos ataques, e ainda pontos de vista de pessoas que vivenciaram os atentados.

Os acontecimentos de 11 de setembro de 2001 contribuíram para evidenciar as dúvidas do mundo contemporâneo. Segundo Resende, as narrativas que ilustram algum fato “em tempos de incertezas e de ansiedade, funcionam como canais de interpretação da realidade ao tentar domesticar e disciplinar a estranheza e a inteligibilidade” (2010, p. 219). Cabe ressaltar, que a partir daquele dia, uma nova história se formou, e o debate sobre o poder do terror se intensificou.

Vale destacar, de todos os filmes surgidos com esse tema ou com algum enfoque relacionado, não há um sequer que mostre as torres caindo de forma direta. O mais comum é ou mostrar o Marco Zero como símbolo temporal e cultural, ou mostrar apenas a sombra das torres caindo. Observamos então, algo que beira o sagrado, mas que também remete diretamente a Platão e seu mito da caverna, pois já vimos o real, e sua representação das ideias só pode ocorrer através de sombras e símbolos. Entretanto, em filmes que contém imagens reais, mostram vários ângulos das quedas, como no caso de *102 minutos que mudaram o mundo* (2008),

de Nicole Rittenmeyer e Seth Skundrick.



**Fig. 01** - Frame do documentário *102 minutos que mudaram o mundo* (2008)

*102 minutos que mudaram o mundo* (Nicole Rittenmeyer e Seth Skundrick), filme produzido após sete anos dos ataques terroristas, especialmente para a televisão pelo canal norte-americano *History*<sup>9</sup>, contém além de imagens e sons cedidos por emissoras de televisão, a maior parte captadas por cidadãos comuns que vivenciaram o fato, e sem edição. Não foi encontrada uma fonte segura que registrasse o número específico de pessoas que colaboraram com a obra.

O documentário é composto por sequências que mostram o dia 11 de setembro de 2001 desde o primeiro ataque a ruína da segunda torre do *World Trade Center*. Cenas que vimos diversas vezes, entretanto, por ângulos distintos e narrações que foram realizadas no ato. Logo que inicia, nos perguntamos, onde estávamos nos atentados as torres gêmeas? Já que vendo novamente e com a experiência de ouvir relatos do momento, recordamos a nossa memória.

A memória é o que nos faz recordar, sem ou com tranquilidade, pelo discurso compartilhável e pelo vestígio oral. Segundo Roger Silvestone, “é onde os fios privados do passado se entrelaçam no tecido público, oferecendo uma visão alternativa, uma realidade alternativa às versões oficiais da academia e do arquivo” (2005, p.233). O passado, para Silvestone, surge como uma realidade complexa e não singular, “a pluralidade da memória é, ela mesma, prova da pluralidade da

<sup>9</sup> De 1995 a 2008 usava o nome The History Channel, a partir de 2009 apenas *History*. Canal norte-americano de televisão paga. No Brasil, também podemos assisti-lo através de da televisão paga.  
Revista Livre de Cinema V. 3, N. 3, p. 44-55 set-dez, 2016

realidade ou não, em algum sentido, um engano. As lembranças variam no contar e no lembrar” (2005, p.233).

Observamos que os diretores são responsáveis técnicos, tutores, pois *102 minutos que mudaram o mundo* (2008) apresenta a história como ocorreu, pelos olhos de seus protagonistas, a população de Nova York. Mesmo a maioria das imagens sendo de amadores, notamos referências cinematográficas como: “plano único aberto, montagem reduzida ao mínimo, câmera parada, em panorâmica ou seguindo a ação, e uma temática fortemente calcada no registro das ações do cotidiano” (ROSSINI; TIETZMANN, 2013, p. 2). Assim, verificamos, o que os pesquisadores chamam de audiovisual de acontecimento, em que não só os profissionais usam e dominam inteiramente a linguagem cinematográfica, mas através da tecnologia eminente do audiovisual, pessoas utilizam seus celulares, câmeras fotográficas, *l-pads*, entre outros para captação de imagens. Esta quantidade variada de opções tecnológicas contribui para uma maior contaminação da linguagem cinematográfica, que Badiou percebeu, defendendo a sua impureza. Para o filósofo, o cinema é o “mais-um das outras seis” formas de arte, que “age sobre elas, a partir delas, por um movimento que as subtrai a elas mesmas”, onde podemos reconhecer referências e grandes mudanças de abordagem. Badiou nega que o cinema seja a sétima arte, ele exalta o caráter híbrido, difuso e ambivalente da linguagem audiovisual, onde qualquer um pode contribuir para enriquecê-la (BADIOU, 2002, p. 104). Consequentemente, nos auxilia a trabalhar a nossa memória.

Cabe ressaltar, que além de imagens das pessoas nas ruas e das ligações telefônicas feitas por aqueles que se encontravam nas torres, atendidas por polícias e bombeiros, há cenas de outros pontos da cidade, com as pessoas estarecidas com que acontecia. Observamos a *Times Square*, onde as pessoas colhem informações através de telões, e ainda a evasão dos arredores das torres gêmeas. Notamos que se fala das quedas dos outros aviões, no Pentágono e na Pensilvânia, mas as imagens são somente do centro de Manhattan.

As imagens do documentário querem “mostrar mais do que narrar”, sendo assim a ênfase do audiovisual de acontecimento. A tecnologia que, mais do que acessível, tornou-se parte de uma cultura. *102 minutos que mudaram o mundo* (2008) é apenas um documentário a partir de imagens filmadas no momento exato

do acontecimento, mas se procurarmos em sites, como o *Youtube*, encontramos outras tantas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há séculos criam-se arquivos, bibliotecas e museus, mantêm-se aniversários e celebrações, os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea. A razão fundamental de ser um lugar de memória, possivelmente, é a tentativa de bloquear o trabalho de esquecimento, parando o tempo, materializando o imaterial e prendendo o máximo de sentido em um mínimo de sinais.

Andreas Huyssen exemplifica que um fato é recontado diversas vezes, para elucidar um problema contemporâneo. É oportuno compreender os limites de representação da história e da memória. A história é a reconstituição sempre problemática e incompleta do que não existe mais.

Já a memória, é vida, carregada por grupos vividos, estando permanentemente em evolução e aberta à dialética de lembrança e do esquecimento. É inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a usos e manipulações, suscetíveis a latências e a revitalizações. No caso do 11 de setembro, no documentário produzido pelo canal de televisão *History*, contemplamos em um filme “que mostra sua distância com o modo de circulação de palavras, sons, imagens, gestos e afetos, em cujo âmago ele pensa o efeito de suas formas” (RANCIÈRE, 2012, p. 81). A observação realizada como audiovisual do acontecimento nos conduz a uma reflexão sobre o que foi falado e/ou mostrado, e da maneira realizada. Questões políticas, religiosas, econômicas? Em qual lugar podemos encaixar o 11 de setembro de 2001?

Enfim, este artigo não tem o objetivo de encontrar uma resposta exata, já que o atentado de 11 de setembro possibilita diversas interpretações, e nem tampouco esgotar o tema referido. E sim, ampliar um olhar para o “audiovisual de acontecimento” (TIETZMANN; ROSSINI, 2012), que auxilia no resgate de imagens que não tem como única intenção a preservação da memória, mas uma maneira de se pensar o presente.

## REFERÊNCIAS

BADIOU, Alain. **Pequeno manual de inestética**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

CIMENTI, Carolina. No 11 de Setembro, a morte chegou como um trem desgovernado, diz cineasta. In: **Especial 11 de setembro – dez anos**, Portal iG: últimos segundo. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/11desetembro/no+11+de+setembro+a+morte+chegu+u+como+um+trem+desgovernado+diz+cineasta/n1597161283605.html>>. Acesso em: 26 nov 2013.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Imagens apesar de tudo*. Lisboa: KKIM, 2012.

GÜREL, Civan; GENUITE, Jean-Marc; DERFOUFI, Mehdi, **Hollywood vê o pós-11 de setembro**. Tradução: Leonardo Teixeira da Rocha. Disponível em: <<http://diplo.org.br/imprima1417>>. Acesso em: 30 ago 2012.

HUYSSSEN, Andréas. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

RAMONET, Ignácio. Mentiras de estado. In: **Fragmentos de cultura**, Goiânia, v. 13, n. 6.2, p. 35-45, 2003.

RANCIÈRE, Jacques. Paradoxo da arte política. In: **O espectador emancipado**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

RESENDE, Erica Simone Almeida. Aporia e Trauma na crise de significados do Onze de Setembro. In: **Contexto Internacional**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 1, p. 205-238, Jan/Jun 2010.

ROSSINI, Miriam de Souza; TIETZMANN, Roberto. De volta para o passado: o audiovisual de acontecimento contemporâneo. In: BENEVENUTO Jr, Álvaro; STEFFEN, César (orgs.). **Tecnologia, pra quê?** os impactos dos dispositivos tecnológicos no campo da comunicação. Porto Alegre: Armazém Digital, 2012.

\_\_\_\_\_. O registro da experiência no audiovisual de acontecimento. In: **XXII Encontro Anual da Compós**, Universidade Federal da Bahia, 04 a 07 de junho de 2013.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar mídia?** 2º Ed. São Paulo: Loyola, 2005.